

Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira

Igor José de Renó Machado¹

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: Este artigo procura fazer uma análise comparativa entre os processos de construção identitária de brasileiros que vivem no exterior como imigrantes, a partir do que chamo de “processo de exotização”. Comparo detalhadamente o processo de exotização entre os brasileiros no Porto, Portugal, com processos similares em outros quatro países de destino dos imigrantes brasileiros: Inglaterra, Argentina, EUA e Japão. Por fim, procuro tecer algumas reflexões sobre as distinções e semelhanças entre estes processos em lugares tão diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: imigração brasileira, identidade, exotização, estereótipos.

Introdução

Este artigo procura fazer uma análise comparativa entre os processos de construção identitária de brasileiros que vivem no exterior como imigrantes, a partir do que defino ao longo do texto como “processos de exotização”. Apresento uma descrição mais detalhada desse processo em Portugal, baseado em meu próprio trabalho de campo, detalhando um caso específico de “exotização”. Em seguida, tentando entender se esses processos são fruto de circunstâncias históricas específicas ou não (no

caso de se constituírem como parte de alguma brasilidade atávica), passo a comparar o processo de exotização entre os brasileiros no Porto, Portugal com processos similares em outros quatro países de destino dos imigrantes brasileiros: Inglaterra (Londres), Argentina (Buenos Aires), EUA (Nova York, Framingham e Massachusetts) e Japão (Oizumi, Toyota, Tóquio).

As comparações tratam sempre de imigrantes brasileiros em contextos urbanos, em cidades que apresentam histórico de atração de mão-de-obra imigrante. Por outro lado, preferi tratar de etnografias que retratam a situação dos imigrantes brasileiros durante a década de 90 do século passado, período de consolidação do movimento emigratório brasileiro. Há atualmente várias etnografias realizadas mais recentemente, mas considerei pertinente dar alguma coerência temporal à amostra, lidando com etnografias da década referida. Trabalhos mais recentes serão mencionados ao longo do texto, a fim de compor um quadro bibliográfico mais completo, mas a discussão se limitará às etnografias escolhidas. Por fim, procuro tecer algumas reflexões sobre as distinções e semelhanças entre estes processos em lugares tão diferentes.²

Os brasileiros no Porto, Portugal

As reflexões apresentadas na primeira parte deste artigo são baseadas no trabalho de campo desenvolvido para minha tese de doutorado (Machado, 2003) realizado entre março e outubro de 2000, além de duas outras estadias mais rápidas, a primeira em janeiro e fevereiro de 1998 e a segunda em fevereiro de 2002. Meu recorte espacial circunscreveu uma grande área, uma vez que os brasileiros não se agrupam em lugares específicos da cidade. O centro da pesquisa foi a cidade do Porto, onde se concentra grande parte das atividades econômicas dos brasileiros, mas

os imigrantes moram nas cidades ao redor, que poderíamos chamar de “grande Porto”. São elas: Matosinhos, Leça da Palmeira, Vila Nova de Gaia, Maia, Gondomar, Valongo.

O fato de estarem espalhados por lugares dispersos e, muitas vezes, longe uns dos outros facilitou, ou potencializou, o papel de bares e restaurantes brasileiros como pontos de encontro privilegiados, como os lugares onde brasileiros travavam conhecimento uns com os outros e estreitavam suas redes de relações. Os bares e restaurantes, onde uma parte considerável da pesquisa foi realizada, são, de certa forma, os nós de redes sociais que se espalham não uniformemente pela grande Porto e também por cidades do interior do norte de Portugal. Conectam, num mesmo ambiente, várias redes de trabalhadores de diversos lugares, formando um mapa do mundo do trabalho de imigrantes brasileiros no Porto.

O alvo da pesquisa foi majoritariamente os imigrantes “pobres”, buscando um contraste em relação à imagem vigente na época, que pressupunha uma imigração brasileira altamente qualificada e bem remunerada. Essa imagem era derivada dos números oficiais da imigração em Portugal. A imigração brasileira no Porto não é predominantemente de classe média, como ainda se imagina em reportagens de televisão no Brasil. Ao contrário, a maioria das pessoas é pobre e com baixa formação escolar. Há mais garçons que dentistas, mais músicos que professores de ginástica, mais jogadores de futebol que todas as categorias de profissionais liberais juntas. Na década de 90 do século passado a imigração brasileira aparecia como predominantemente qualificada.³ Mas essas afirmações eram baseadas em dados que apresentavam limitações e ofereciam um quadro que poderia ser distorcido.⁴ O fato do número de legalizações concedidas aos brasileiros em 2001, no âmbito da lei de imigração deste ano⁵, ter significado um aumento de mais de 100%, indica como os dados anteriores ignoravam um contingente enorme da população de imigrantes brasileiros.

Trabalho e estereótipos

Os trabalhadores brasileiros dirigiam-se principalmente para o mercado do atendimento ao público.⁶ A hotelaria ainda era, em 2000, a melhor fonte de empregos, principalmente por uma suposta “vantagem estrutural” dos brasileiros: eles tinham fama de festivos, simpáticos e falam português. Essa “fama” garantia espaço no mercado e uma posição privilegiada na hierarquia das alteridades. O que chamo de “hierarquias das alteridades” é uma forma de escalonar em termos valorativos as diferentes populações que se encontram dentro de Portugal. Defendo a idéia de que a atual hierarquia que qualifica as populações imigrantes em Portugal, e na qual os brasileiros têm um lugar privilegiado, é fruto das hierarquias coloniais portuguesas (cf. Machado, 2002).

Determinadas características eram esperadas dos trabalhadores brasileiros. As principais eram alegria, simpatia e cordialidade. Acreditando que os brasileiros portavam atavicamente uma série de características, os empregadores portugueses procuravam por esses imigrantes para determinados trabalhos. É por isso que o atendimento em geral era a grande fonte de emprego para brasileiros na cidade do Porto no ano de 2000. Muitos trabalhavam como garçons, vendedores de lojas, representantes de vendas, músicos. De certa forma, o brasileiro era um *animador*. Este papel delegado ao brasileiro não era, contudo, isento de conotações ideológicas: o processo que se desenrolava era o de uma subordinação sistemática do brasileiro aos estereótipos que rotulam todos os brasileiros como pessoas alegres e simpáticas. Estes estereótipos têm também outras conotações, pois se por um lado os brasileiros eram considerados alegres, por outro, eram vistos como menos intelectualizados, sexualmente desregrados e pouco educados. Ou seja, reproduzia-se uma antinomia clássica do pensamento colonial, que é a divisão do mundo entre civilização e selvageria. Ao lado da civilização, obviamente, estão os

produtores do discurso ideológico, os colonizadores (no caso, ex-colonizadores). Ao lado selvagem da equação estão os povos dominados pelo colonialismo.⁷

Os brasileiros passaram pelo que chamo processo de exotização. Esses processos são fenômenos sociais de efetivação dos estereótipos, têm relação íntima com a sua produção, mas vão além da mera constatação da sua existência. Referem-se não apenas à imposição de imagens estereotipadas a determinadas populações, o que poderíamos chamar de “orientalismo”, seguindo Said (1990), mas também como determinadas imagens sobre o outro são construídas e passam a ter autonomia simbólica, num processo de “encarceramento simbólico” dos nativos. Afinal, os que são descritos são em geral os que estão por baixo nas relações de poder estabelecidas.

Para além de ser submetida ao “orientalismo”, a “práxis” da população brasileira estereotipada se relacionava com as imagens constituídas do imaginário hegemônico português de uma forma específica. Ou seja, os imigrantes brasileiros no Porto não apenas estavam sujeitos à construção das imagens estereotipadas por determinados agentes de poder, mas também eram sujeitos ativos da exotização. Chamo de “exotização” esse processo de relação complexa de um grupo social com as representações simbólicas a que estão sujeitos, envolvendo representação e ação. Assim, no caso dos brasileiros em Portugal, adaptar-se mais eficientemente aos estereótipos portugueses podia conferir maior poder a determinadas pessoas, que impuseram a sua própria forma de brasilidade. A imagem portuguesa da “brasilidade” se apresentava ampla e vazia o suficiente para abarcar qualquer um que não fugisse dos estereótipos de malandragem, hipersexualidade e alegria. A forma com que essas características amplas foram⁸ – e continuam sendo – elaboradas é que variava conforme a origem e o universo cultural do intermediador em questão.

Os imigrantes brasileiros, longe de serem receptáculos de estereótipos construídos à revelia das suas vontades, estavam, portanto, também engajados no reforço sistemático destes e não eram apenas objetos da estereotipação, mas sujeitos ativos na sua promoção. Esse processo de auto-subordinação se deu justamente por meio da inserção no mercado de trabalho. Quero indicar que a forma como os brasileiros na cidade do Porto organizavam sua “vida coletiva” permitiu entender como eles progressivamente foram se tornando “exóticos”, no sentido determinado por um universo simbólico português abarrotado de imagens sobre os brasileiros.⁹

O trabalho foi o principal caminho para os processos de exotização, já que os postos oferecidos no mercado de trabalho do Porto eram relativos aos estereótipos: animadores, músicos, capoeiristas, dançarinos, jogadores de futebol e atendentes ao público em geral.¹⁰ Como o trabalho da maioria estava ligado às imagens essencializadas/estereotipadas do Brasil, os imigrantes procuravam reforçar a sua autenticidade enquanto brasileiros. Quanto “mais brasileiros” aparentavam ser, maior era a influência entre os brasileiros e maior a legitimidade entre os portugueses com os quais se encontravam em posição simbolicamente subordinada, já que os empregos eram mais facilmente conquistados por “aqueles que sabiam o seu lugar”.

Encaixar-se no estereótipo português sobre o brasileiro facilitava a vida do imigrante, que conseguia seu emprego mais rapidamente. Por outro lado, a imagem que o imigrante passava a vender como a do “autêntico brasileiro” era uma imagem exotizada. Num movimento coletivo de exotização, as percepções sobre a identidade brasileira começaram a se aproximar dos estereótipos portugueses. Os estereótipos “ganham vida” e os brasileiros se tornaram a imagem que deles esperavam os portugueses. Tendo em vista que relações de poder entre os imigrantes passavam, entre outras coisas, pelo controle de uma larga rede de possíveis

empregadores portugueses, os líderes acabaram sendo alguns entre os que podiam ser acionados em casos de busca de emprego. Esses líderes eram brasileiros que, tendo se encaixado nas imagens correntes sobre o Brasil, conseguiram inserir-se solidamente no mercado de trabalho.¹¹ Tornaram-se intermediadores, reconhecidos entre os brasileiros no Porto, cuja situação de mediação proporcionava acúmulo de poder entre os demais imigrantes brasileiros.

A influência dos “mais autenticamente brasileiros” não se restringia à esfera econômica, mas abarcava toda a vida social da “comunidade brasileira”, pois, tendo construído lugares de poder a partir da própria subordinação simbólica aos estereótipos portugueses, passaram a ser os referenciais num processo de construção de identidades entre os brasileiros no Porto.¹²

A partir dessa perspectiva marcada pela percepção da importância das relações de poder na construção de identidades, podemos identificar o papel dos intermediadores¹³ brasileiros no Porto. Eles atuavam como pivôs de um processo de construção de uma identidade cultural brasileira imigrante focada na incorporação dos estereótipos portugueses. Assim, os “brasileiros exóticos” passaram a sair do universo de representação português para o cotidiano das disputas políticas entre imigrantes brasileiros. Foi possível verificar um processo de “subordinação ativa” aos estereótipos, no sentido de ser um reforço sistemático. Esse reforço sistemático acabou, obviamente, por fortalecer as imagens estereotipadas a que os brasileiros estavam sujeitos em Portugal.

Esse processo de subordinação ativa aos estereótipos resultou na construção de um lugar subalterno aos brasileiros na cidade do Porto. Era um processo de inserção espontânea de grande parte dos imigrantes aos lugares previamente oferecidos pela sociedade portuguesa: o lugar de *animadores*. Os brasileiros eram vistos, por um lado, como grandes artistas, criativos, inventivos e, por outro, como preguiçosos, sexualmente

desregrados e pouco inteligentes. O lugar que cabia ao brasileiro imigrante em Portugal era o de entreter os portugueses.

É preciso fazer a ressalva que havia (e há) uma fonte dupla de produção dos estereótipos que “viraram realidade” na experiência dos imigrantes brasileiros pobres do Porto: havia o próprio Estado brasileiro, preocupado em vender a imagem do tropical exótico e da nação mestiça – para fins de turismo e solidificação da identidade nacional –, e havia a sociedade portuguesa, que tem, desde o período colonial, constantemente reelaborado imagens sobre o Brasil. Neste artigo deixei de lado a produção de estereótipos sobre os brasileiros fabricada pelo próprio Estado nacional e sociedade civil brasileiras, dedicando especial atenção à segunda das fontes, a sociedade portuguesa, a fim de analisar as especificidades dos processos de exotização em Portugal. Acredito que, embora possam ser vislumbrados em outros contextos nacionais, tais processos acontecem sempre de forma diferenciada, segundo as sociedades de recepção dos imigrantes.¹⁴

Exotismo em outros contextos nacionais

Pode-se imaginar que os fenômenos de exploração dos estereótipos descritos acima são semelhantes a processos de exotização em outros contextos de imigração brasileira. Se forem semelhantes, é permitido indagar se o valor dado aqui às relações históricas entre Brasil e Portugal, e as conseqüentes produções de imagens recíprocas, são de fato tão relevantes. Afinal, seguindo nesta linha de raciocínio, se os processos são semelhantes, caberia indagar sobre a importância do contexto específico, dado que em vários lugares os brasileiros imigrantes portam-se da mesma maneira. Não seria uma nossa especificidade executar esses mecanismos

de essencialização e mercantilização de uma imagem do Brasil? Se isso for verdade, a importância maior deveria ser aplicada a essa essência compartilhada, e não aos contextos nacionais onde ela toma lugar.

Seria o caso de imaginar uma brasilidade atávica, invariável e imune aos diferentes países para onde emigram os brasileiros? Em outras palavras, os brasileiros responderiam com os mesmos processos identitários independentemente do contexto de imigração? Certamente esses imigrantes têm algo em comum, como uma educação para a nacionalidade que estimula determinadas práticas, crenças e as mesmas imagens da identidade nacional. Mas também têm inúmeras diferenças que são responsáveis pela geração de situações singulares em cada nação que os acolhe. Cada processo é único e, portanto, seria difícil imaginar que cada desenvolvimento histórico resultasse na mesma exotização, ou sequer *em* exotização. Para investigar melhor essas questões o ideal é olhar para outras narrativas sobre a imigração brasileira e tentar construir relações factíveis. Tomemos os casos de brasileiros em quatro outros contextos: Inglaterra, EUA, Argentina e Japão.

Exotismo em Londres

Torresan (1994) analisa brasileiros em Londres, em etnografia realizada entre 1991 e 1992. Os lugares de trabalho encontrados pelos brasileiros, além daqueles oficiais relacionados à embaixada, eram então semelhantes aos do Porto: boates, cursos de lambada e samba, apresentações de capoeira e conjuntos musicais. Era o mesmo “mercado do exótico” que brasileiros ocupavam no Porto, com uma diferença significativa: em Londres, a inexistência de representações sistemáticas sobre o Brasil limitava os brasileiros à venda do exótico *per se*. Ao contrário, em Portugal, a profusão de imagens sobre a suposta simpatia, alegria e cordialida-

de do brasileiro permitiam que o mercado de trabalho fosse maior: não apenas a venda do exótico *per se*, mas também a ampliação do mercado de trabalho para os setores de atendimento ao público.

Aparentemente, não há nada de exótico em trabalhar como vendedor de imóveis, mas esse trabalho só é possível porque a representação do brasileiro ultrapassa o interesse português de consumir ou não o exótico. Brasileiros conseguem usufruir dos estereótipos, embora tenham sempre que se adequar a eles. Em Londres, resta apenas o mercado da venda do exótico *per se* ou ao mercado “étnico”, ou seja, aquele de venda de produtos variados para os próprios imigrantes, mesmo porque a barreira da língua dificulta o acesso a outros lugares de trabalho. Resumindo: em Portugal, na cidade do Porto, as representações dos brasileiros resultaram num lugar mais ampliado no mercado de trabalho, criando nichos muito mais flexíveis que em Londres, onde os brasileiros trabalhavam como qualquer imigrante, sem especificidades fora do mercado do exótico.

Para além disso, como demonstra Torresan, outras comunidades de imigrantes são reconhecidas pelo Estado britânico, obtendo uma série de prerrogativas que os brasileiros não têm. Os imigrantes reconhecidos, não por acaso, são aqueles oriundos do ex-império inglês. Os brasileiros eram vistos como imigrantes temporários e o resultado desse não-reconhecimento é que, segundo a autora, os brasileiros inventaram uma tradição para “marcar uma identidade diferenciadora entre brasileiros e outros grupos nacionais” (Torresan, 1994, p. 13).

O processo é analisado nas categorias barthianas de construção de fronteiras étnicas:

A invenção de uma “tradição brasileira autêntica” cumpre dois papéis fundamentais, quais sejam, regular a interrelação entre brasileiros e não-brasileiros marcando as fronteiras étnicas (Barth, 1976) entre os diferentes gru-

pos nacionais que participam do evento e produzir uma mercadoria com a qual certos brasileiros podem competir no mercado de trabalho. (Torresan, 1994, p. 144)

A identidade construída então serve a propósitos específicos: um deles é coletivo, de afirmação da diferença, e outro individual, de transformação daquela identidade em mercadoria. Assim, num contexto onde não há reconhecimento prévio da diferença, como em Portugal, tudo se resume a criar a diferença.

Uma das conseqüências desse processo é que a própria dinâmica interna da “comunidade brasileira”, mesmo que inventada, fica em segundo plano. A comparação factível que gostaria de desenvolver fica um pouco limitada pois os dados das disputas internas são objeto de menor atenção, já que a preocupação é descrever os processos de criação de uma diferença em relação aos demais imigrantes. De qualquer forma, a etnografia de Torresan demonstra que os processos de exotização numa sociedade onde os brasileiros não têm um reconhecimento *a priori* são diferentes de onde isto acontece.¹⁵

Exotismo em Buenos Aires

Se olharmos agora para outro contexto onde as representações sobre o Brasil são abundantes, talvez possamos perceber novas formas de encarar a produção do exótico. Voltemos nossa atenção, portanto, à imigração brasileira para a Argentina, analisada por Hasenbalg & Frigério (1999), Frigério (2002) e Frigério & Domínguez (2002).

Analisando a população imigrante na área metropolitana de Buenos Aires¹⁶, Frigério (2002) afirma que a inserção de imigrantes brasileiros é melhor que a dos demais imigrantes sul-americanos. Para explicar essa vantagem, recorre à idéia de exotismo, como o lado bom do estereóti-

po.¹⁷ Enquanto os brasileiros são exotizados, os demais imigrantes são estigmatizados. Esta distinção não impede a autor de declarar que

uma integração baseada visivelmente em estereótipos, acaba por reforçá-los e (...) o caráter ambivalente dos mesmos pode levar, em diferentes condições, a uma nova estereotipação construída com elementos menos valorizados ou ativar velhos significados latentes. (*ibid.*, p. 38)

Esses significados latentes mencionados são o que eu denominaria representações preexistentes sobre os brasileiros. Aqui encontramos um ambiente comparável a Portugal, onde os brasileiros têm uma representação anterior a sua chegada e, aparentemente, essa representação influenciou a adaptação dos imigrantes e mesmo a transformação dessas mesmas imagens.¹⁸ Vejamos: para Frigério (2002), a presença de brasileiros hoje é vista sob novas formas, nomeadamente por conta de uma valorização da cultura brasileira (principalmente a cultura negra), ativada pelo turismo intenso da década de 1990. Assim, duas ordens simbólicas explicam a imagem dos brasileiros: uma antiga, que os estigmatiza como “macacos”, e outra, recente, que os exotiza positivamente.

Essa vantagem natural do brasileiro em Buenos Aires reflete-se no mercado do exótico, onde muitos conseguem seu emprego, como em Londres. Mas, ao contrário desta cidade, na Argentina os brasileiros não precisam se provar diferentes dos demais imigrantes, o que torna desnecessária uma reafirmação da diferença.¹⁹ Além de serem reconhecidamente diferentes, os brasileiros são vistos como portadores naturais de capitais simbólicos valorizados na Argentina: aos brasileiros “é atribuída uma *etnicidade que é avaliada de forma relativamente positiva* por possuírem *capitais culturais* admirados.” (Frigério, 2002, p. 19). Assim, o mercado do exótico é necessariamente maior e mais capaz de criar empregos. Outras profissões são também executadas por brasileiros, no-

meadamente aquelas que imigrantes realizam, como “limpadores de janela, pintores, mecânicos, artesãos, vendedores e outros (trabalhos) não especializados” (*ibid.*, p. 28-29).

O autor não aprofunda a análise sobre esses outros empregos e não conseguimos saber se o trabalho de vendedor, por exemplo, pode chegar à dimensão que chegou em Portugal. Se indicasse qualquer coisa nesse sentido, poderíamos imaginar que quanto mais positivamente reconhecido pela sociedade de recepção, mais fácil a vida dos imigrantes e mais específica é a exotização, que deveria responder às necessidades dessa representação. Mas outro ramo de trabalho de brasileiros analisado por Frigério talvez nos permita fazer reflexões neste sentido. Muitos brasileiros trabalham como professores de português ou tradutores. Essa situação é obviamente peculiar, pois é devido ao Mercosul e ao entrelaçamento do destino dos dois países que a língua portuguesa passou a ser valorizada na Argentina. Isso não acontece em Londres, por não haver o interesse pelo português, nem no Porto, por motivos óbvios. Ou seja, a influência econômica, política e cultural do Brasil no país receptor tem uma importância grande na vida dos imigrantes, inclusive no sentido da exotização de cada contexto nacional.

Em Buenos Aires essa exotização é marcada pela valorização da negritude. É celebrada nos bares brasileiros, freqüentados por argentinos que valorizam essa cultura negra, na opinião de Frigério. Por considerar a questão da raça em sua análise, Frigério percebe que os sujeitos se relacionam diferentemente com os estereótipos, como no Porto, ou seja, os negros e mulatos se encaixam melhor nos estereótipos que os brancos: “Da mesma forma, enquanto o exotismo beneficia aos imigrantes de menores recursos econômicos, pode tornar-se rótulo desagradável para aqueles que chegam com maiores possibilidades e não precisam de valorização de sua etnia.” (*ibid.*, p. 38-39).

A separação entre estigma e exotismo proposta por Frigério, apesar das vantagens que oferece, traz uma dificuldade para analisar a dinâmica entre as representações negativas (macacos) e as positivas (alegria), no sentido de não indicar que talvez as duas façam parte de um mesmo jogo de subordinação simbólica.²⁰ Ou seja, o brasileiro só é aceito positivamente na medida em que aceite o papel subordinado que a representação exotizada apresenta. Nos momentos em que o brasileiro foge dessa imagem-prisão, acontecem os choques. O caso dos conflitos com o futebol confirma essa impressão pois, quando a seleção brasileira de futebol ganha algum jogo e o brasileiro comemora na Argentina, ele está revertendo a ordem que a “representação exotizada” apresenta. Frigério (2002, p. 25) indica que esse assunto pode ser muito sério, pois um brasileiro foi assassinado num bar argentino por comemorar um gol contra a seleção argentina de futebol.

Frigério e Domínguez (2002) fazem outra reflexão específica sobre os trabalhadores culturais em Buenos Aires. Eles dividem-se em dois grupos, um dos que se definem como afro-brasileiros e outro dos que se vêem como brasileiros. Os primeiros trabalham num circuito mais valorizado, o dos centros culturais, e os últimos nos bares brasileiros, como os bares para portugueses do Porto. Os primeiros encaram-se como mais legítimos, pois ensinam a cultura brasileira a alunos argentinos, enquanto os demais brasileiros seriam (na opinião dos que trabalham nos centros culturais) menos legítimos porque viveriam *da* cultura brasileira, e não *para* a cultura brasileira. Os “professores” definem-se como afro-brasileiros (Frigério & Domínguez, 2002, p. 61), os demais como brasileiros. Os professores são trabalhadores culturais mais antigos, os demais chegaram mais recentemente à Argentina. Os professores definiriam-se por uma identidade étnica, e os demais por uma identidade nacional. Os primeiros são capazes de “dissolver a alteridade exotizada” (Frigério & Domínguez, 2002, p. 68), e os

demais colocam-se irremediavelmente no lugar do Outro, definido pelos argentinos, apresentando-se como significativamente diferentes e inalcançáveis e fazendo de sua cultura um produto de consumo momentâneo. (*ibid.*, p. 67-68)

Aqui podemos ver como o exotismo funciona de uma forma diferenciada entre os brasileiros na Argentina, com o acréscimo de outra categoria, ausente no contexto português, que é a de afro-brasileiro. As duas populações são compostas por negros e mulatos, e de origens semelhantes em termos de classe. O que distingue *mesmo* os dois grupos é o lugar que ocupam no mercado de trabalho e não a forma de exotizar (afinal, acreditar que o grupo dos professores é mais legítimo que os demais, é conferir autenticidade). Os centros culturais são centros de difusão de cultura afro-brasileira e afro-americana. Um dos centros culturais, o Centro de Culturas Afro-Americanas, é o “único lugar com apoio governamental para difusão da cultura afro-americana” (Frigério & Domínguez, 2002, p. 50). Os centros culturais, pela estabilidade, seriam os lugares mais prestigiados, embora os brasileiros possam ganhar mais dinheiro nos bares e em festas e apresentações. Por esse motivo, os autores indicam que é o lugar mais valorizado entre os brasileiros.

A opção por uma definição afro-brasileira tem relações íntimas com o suporte dado pelo governo, neste sentido, organizando o campo das alteridades. Poderíamos perguntar se a definição de afro-brasilidade ocorreria se não existissem os centros culturais. Ou seja, essa definição e a defesa da cultura negra têm mais relação com as determinações do campo simbólico no qual esses trabalhadores estão inseridos (centros culturais de difusão da cultura *afro-americana*) do que com a dinâmica da convivência entre os brasileiros. Isso indica uma especificidade da exotização na Argentina: o papel do Estado, como financiador de determinadas instituições, no reforço de determinadas definições identitárias.

Por outro lado a afirmação de que o trabalho nos bares é desqualificado é dada pelos “professores”... A pergunta pode ser feita: será mesmo desvalorizado o trabalho dos brasileiros nos bares? E será que professores que dão aula de “afro-primitivo” (Frigério & Domínguez, 2002, p. 57) exotizam menos ou numa qualidade diferente?

Talvez sim, talvez não. Se pensarmos que a tentativa de legitimação é uma busca de centralidade, o discurso dos grupos pode ser colocado como esforço de descentralização dos demais. Podemos notar a mesma diferença entre imigrantes mais antigos e recém-chegados que vimos na cidade do Porto, os primeiros ocupando lugares definidos como melhores no mercado de trabalho. Em Buenos Aires, os imigrantes mais antigos ocupam lugares mais valorizados pois têm reconhecimento do Estado Argentino como legitimamente brasileiros. Os demais, trabalhadores dos bares, são os mais novatos, em lugares menos valorizados (segundo o discurso dos “professores”). Uns se legitimam perante o Estado, outros perante o público argentino. Entre eles há disputas, mas os dados sobre os trabalhadores dos bares não indicam o que eles pensam dos “professores”, para que fosse possível fazer mais especulações. O fato é que embora alguns se definam como afro-brasileiros e outros como brasileiros, não se pode

concluir que estes dois grupos se excluem mutuamente. Frequentemente, um mesmo indivíduo em diferentes momentos de sua estada na cidade, pode passar de um grupo a outro ou, até mesmo, desempenhar simultaneamente atividades nos três circuitos descritos.²¹ (Frigério & Domínguez, 2002, p. 62)

Como a população é a mesma, passa pelos mesmos lugares e trabalha nos diferentes circuitos, podemos pensar que talvez as diferenciações

sejam discursos de centralidade com uma briga pela definição do centro: ou uma identidade afro-brasileira ou brasileira. Vemos que a exotização na Argentina é um processo diferente, pois a imagem central da identidade não é uniforme, como acontece no Porto.

Podemos ver que o processo de exotização na Argentina é rico em significados devido ao lugar do Brasil no universo simbólico argentino e ao incentivo do Estado argentino a certo tipo de definição “étnica” da identidade. Mas o mercado de trabalho na Argentina e em Portugal ganha diferenças específicas, seja pela vontade de consumo do exótico, seja pela influência econômica do Brasil. O mercado de trabalho para brasileiros em Portugal continua sendo mais amplo²² que o argentino e isso pode ser entendido pela densidade diferente de representações. Não há, na Argentina, a mesma sensação de invasão que há em Portugal, o que se explica pela diferente relação entre os países. A mídia brasileira, por exemplo, tem muito mais influência em Portugal do que na Argentina. Assim, embora a exotização seja semelhante nos dois contextos nacionais, ela tem especificidades que devem ser encontradas numa análise cuidadosa das diferentes conjunturas nacionais, principalmente no que tange ao lugar do Brasil no universo simbólico.

Talvez o caso da Argentina demonstre que a articulação de uma identidade afro-brasileira seja mais valorizada, em oposição à imagem mestiça em Portugal, que produz o exagero da ideologia da mestiçagem. Assim, o centro da representação seria uma identidade-para-o-mercado (Machado, 2004a) negra e não mestiça, ou talvez haja uma disputa por centros diferentes: ou identidades afro-brasileiras (negras) ou brasileiras (mestiças). Obviamente, isso são especulações sobre os dados e análises de Frigério (2002), Hasenbalg & Frigério (1999) e Frigério & Domínguez (2002), tentando enxergar possibilidades que não constavam entre as intenções dos autores.

Exotismo em Nova York (e Massachusetts)

Outro contexto de não-especificidade dos brasileiros é os EUA. Margolis afirma que em Nova York, lugar da sua pesquisa, “talvez o traço mais marcante dos brasileiros seja sua invisibilidade” (Margolis, 1994, p. 44). Ou seja, os brasileiros não têm uma qualificação simbólica na hierarquia americana de alteridades. Assim, não há de antemão, lugares destinados aos brasileiros, que acabam trabalhando em vários ramos. O mercado do exótico não é o mais importante. Margolis afirma que os brasileiros se concentram no setor de serviços gerais mal remunerados: lavadores de prato, ajudante de garçon, engraxates, limpeza de apartamentos, empregadas domésticas, *baby-sitters*, serviços de manutenção, comércio ambulante etc.

O fato é que os brasileiros entram por baixo no mercado de trabalho, sem nichos muito consolidados e sem uma relevância muito grande do mercado do exótico como empregador. Ao contrário dos brasileiros na Argentina e Portugal, nos EUA os imigrantes sofrem um rebaixamento simbólico em relação à própria situação no Brasil. Aqui uma consideração sobre aspectos raciais é importante: para os imigrantes brasileiros não-brancos, em Portugal e Argentina ocorre uma valorização simbólica em relação à situação que viviam no Brasil. Já nos EUA, a condição racial de “hispanicos” a qual estão associados, categoria desprivilegiada na América, leva a um rebaixamento simbólico. As tentativas de diferenciação em relação aos hispanicos marcam a experiência dos brasileiros justamente porque querem fugir dos estigmas ligados a essa classificação. Temos aqui o contrário do que acontece em Portugal e na Argentina: os brasileiros fogem das classificações que lhe são impostas, pois estas trazem apenas prejuízos.

Mas isso não quer dizer que não existam processos de exotização. Existem os músicos que tocam em casas noturnas e restaurantes especia-

lizados em comida brasileira. Mas nenhuma das pessoas que trabalha neste ramo vive exclusivamente dele, em geral dividem este emprego com outros (*ibid.*, p. 234). Outro ramo mais relacionado a uma suposta especificidade cultural brasileira é aquele ligado às artes do corpo: manicures, cabeleireiros, esteticistas e, principalmente, *go-go girls*.²³

O trabalho de *go-go girls* pode ter relação com uma construção nacional brasileira da sexualidade enquanto propriedade exacerbada no brasileiro. Podemos pensar que a prostituição de brasileiras em Portugal e Argentina e o trabalho de *go-go girls* em Nova York representam algo de específico das brasileiras, como também o trabalho de prostituição de michês e travestis na França, Itália, Suíça etc. Mas, de qualquer forma, se isso diz alguma coisa do Brasil, ao mesmo tempo acontece de várias formas diferenciadas. Margolis afirma que, embora o trabalho de *go-go girl* das brasileiras em Nova York seja famoso entre os próprios brasileiros, há muito mais empregadas domésticas que *go-go girls*. O fato é que nesse ramo, as brasileiras são maioria nos bares da área metropolitana da grande Nova York (*ibid.*, p. 234, 242). Sendo assim, é difícil imaginar que não haja em processo uma sexualização da mulher brasileira entre os não-brasileiros, produzindo uma forma de “exotismo negativo”, nos termos de Frigério e Dominguez. Na área metropolitana da Grande Nova York, “cerca de 80 por cento (das *go-go girls*) são brasileiras” (*ibid.*, p. 254). Há até shows que anunciam *apenas* mulheres brasileiras, indicando que talvez algum lugar específico para a imagem do Brasil esteja sendo construído através da exotização e exploração da sexualidade.²⁴

Também em Nova York, os bares são lugares importantes para a confraternização de brasileiros. Mas as noites especificamente brasileiras acontecem em algumas poucas casas noturnas hispânicas, que ofereciam noites “verdadeiramente brasileiras” (*ibid.*, p. 286). A relação estreita que há entre brasileiros e “hispanidade” nos EUA pode ser pensada com base nessa “dependência simbólica”: a noite brasileira é apenas uma entre

outras latinas, perdida na falta de especificidade. Não há comparação com a noite brasileira no Porto, produzida para um consumo em larga escala dos portugueses. Temos uma situação onde a colocação dos brasileiros é mediada por uma associação simbólica por parte dos americanos, que insere os brasileiros entre os grupos de hispânicos, um lugar desprivilegiado no universo americano.

Outro trabalho sobre brasileiros nos EUA, desta vez em Framingham (Grande Boston), indica certo reconhecimento dos brasileiros por parte da sociedade americana. Sales (1999) realizou sua pesquisa de campo entre agosto de 1995 e janeiro de 1996. Para ela, ao menos na Grande Boston, os brasileiros são apresentados na imprensa americana como “*hardworkers*” (Sales, 1999, p. 15). Ela afirma que quinze matérias de jornal publicadas no Boston Globe ofereciam uma imagem positiva dos brasileiros (*ibid.*, p. 179). Mas ela também indica a mesma tentativa de separação dos hispânicos. Alguns anos depois do trabalho de Margolis, em outro contexto americano, os brasileiros parecem ter algum reconhecimento. Fato que certamente não é muito significativo, dada as contínuas descrições do problema em ser classificado como hispânico. Martes (1999), em pesquisa realizada entre 1996 e 1999 com brasileiros em várias cidades do estado de Massachusetts, demonstra por outro lado que o mercado do exótico não tem muita relevância, mas sim o mercado “étnico”, ou seja, estabelecimentos comerciais variados para servir a comunidade brasileira. Martes também demonstra uma tendência dos brasileiros em não se identificarem com os hispânicos (Martes, 1999, p. 172), devido às desvantagens que tal associação pode criar.

Num universo simbólico americano, não há lugar para os brasileiros, que buscam separar-se da categoria “hispânicos”. Segundo Margolis,

a maioria (dos brasileiros) está convencida de que recebe um tratamento melhor por parte dos americanos quando deixa claro que não é hispânica.

Falando francamente, os brasileiros afirmam que existe discriminação contra os hispânicos (...), e que se os americanos os confundem com hispânicos, eles também passam a carregar o peso do preconceito anti-hispânico. (Margolis, 1994, p. 376)

A autora defende a idéia de uma invisibilidade dos brasileiros nos EUA, o que se comprova pelo dilema do censo norte-americano de 1990, no qual não havia uma categoria para os brasileiros se definirem. Podemos dizer que o mercado do exótico não é fundamental nos EUA, embora não esteja ausente e que, como em Londres, o problema é ser reconhecido como diferente. Isso quer dizer que os brasileiros não têm um lugar específico nos universos simbólicos norte-americanos.²⁵

Exotismo em Toyota, Oisumi e Tóquio

Outro contexto interessante para refletir sobre a produção da exotização é o caso dos brasileiros no Japão. Se tenho afirmado que é fundamental entender o contexto onde se dá a imigração para refletir sobre como a exotização acontece, devemos procurar como essa exotização estabelece relação íntima com o lugar que o Brasil tem no universo simbólico da sociedade para onde brasileiros emigram. No Japão, o desejo da imigração brasileira deve-se à vontade dos governos japoneses de requisitar mão-de-obra entre emigrantes e seus descendentes, como forma de evitar uma imigração absolutamente estrangeira. Segundo Kawamura (1999), seria o “retorno dos semelhantes, física e culturalmente condizente com a valorização da consangüinidade na definição do parentesco e nacionalidade” (Kawamura, 1999, p. 36). Percebe-se que o Japão não é “aberto à diferença”, repudiando a experiência de imigração ilegal de coreanos, filipinos e chineses (*ibid.*, p. 51). A preocupação é estabelecer uma “alteridade controlada”, ou seja, investir na imigração de supostos

semelhantes, como os brasileiros descendentes de japoneses e seus familiares (muitos deles sem ascendência nipônica).

Segundo Kawamura “os imigrantes brasileiros (...) passaram a conviver compulsoriamente com a população japonesa, para a qual, gradativamente, esses imigrantes, a despeito da aparência e ascendência etnocultural semelhantes, eram efetivamente *estrangeiros*” (*ibid.*, p. 38). A expectativa era que se tratassem de semelhantes, sem portanto imaginar entre essa população especificidades brasileiras que são descobertas no processo de inserção na sociedade japonesa. O mercado do exótico é mais relevante apenas entre os próprios brasileiros na narrativa de Kawamura, e o mercado de trabalho centrado na ocupação fabril desqualificada comprova esse pressuposto. Ao mesmo tempo, os brasileiros têm um privilégio pela ascendência, tendo sido diferenciados dos demais trabalhadores estrangeiros sem ascendência japonesa.

A política migratória japonesa é restrita aos descendentes e, segundo Kawamura, isto

condiz com a valorização da consangüinidade na definição do parentesco-nacionalidade e com a postura cultural de busca do consenso, homogeneidade e continuísmo; e afastamento do conflito, desarmonia e diferença, em uma ótica funcional e positiva da sociedade. (*ibid.*, p. 205)

Para uma imaginação japonesa, os descendentes não são ou não deveriam ser diferentes, e os conflitos surgem da constatação da inevitável diferença. A dinâmica da comunidade brasileira é baseada justamente nessa diferença, acentuando o valor de um mercado “étnico” de coisas brasileiras para os brasileiros no Japão. Se os trabalhos indicam que no Japão os “nipo-brasileiros” se percebem brasileiros, a exotização deve ter mais a ver com a dinâmica interna do que com o consumo da diferença, como acontece em Portugal e Argentina. Ora, a exotização é a reafirma-

ção de especificidades, mesmo que estereotipadas, e numa sociedade que buscava o igual na imigração, é de se supor que o mercado do exótico não floresça como em outros países.

Outra questão relevante é o problema das dinâmicas raciais entre a maioria de nipo-brasileiros no Japão. Pode-se deduzir que esses brasileiros sejam, em sua maioria, não-brancos e não-negros, fato que complexifica qualquer reflexão sobre a relação que estes brasileiros estabelecem com as ordens raciais brasileiras. Na verdade, essa população não tem um lugar específico na própria narrativa nacional brasileira, ainda focada no mito das três raças (que exclui os “orientais”). Se é verdade que lentamente o Brasil de olhos puxados vem aparecendo em comerciais na TV, passando a ser incorporado aos poucos no discurso da mestiçagem, não é menos verdade que esta população sofre discriminação e delimitações simbólicas dentro do Brasil. Este não-lugar no universo simbólico nacional, ou o lugar subalternizado, tem influência na possibilidade de exotização e de qualquer inversão racial entre os brasileiros no Japão. Mas os dados dos trabalhos não se preocupam com essas questões, ficando qualquer reflexão no campo da especulação.²⁶

Comentários finais

Este artigo focalizou os processos cotidianos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal. O que chamo de “processos de exotização” pode ser entendido como os movimentos de exacerbação, solidificação e essencialização de estereótipos sobre o Brasil e os brasileiros. Esses movimentos foram vistos claramente na forma como os imigrantes no Porto buscavam um lugar no mercado de trabalho por meio de uma suposta característica básica de todos brasileiros: a alegria. Eles vendiam a alegria e através dela posicionavam-se no mercado de traba-

lho. Além do lugar específico no mercado de trabalho para esta suposta mercadoria cultural, os processos de exotização tiveram conseqüências mais estruturais, pois grande parte do cotidiano dos brasileiros imigrantes de classe baixa no Porto foi construído em torno de disputas que envolviam estas imagens estereotipadas.

Vimos que o lugar preferencial de trabalho dos brasileiros era o do atendimento ao público. Este lugar tem relações íntimas com o lugar do Brasil no universo simbólico português, um lugar subalterno e tributário de um pensamento marcado fortemente pelas heranças do colonialismo. Assim, o mundo do trabalho foi responsável pelo que chamei de “subordinação ativa” aos estereótipos. Isso se deu por conta do lugar de poder conferido aos principais intermediários nesse processo de exotização. Esses intermediários passaram a ser o núcleo da construção de uma nova identidade brasileira imigrante, marcada pelo exotismo e pela subordinação às imagens de alegria, simpatia, cordialidade, hipersexualidade, pouca educação etc. O cotidiano era marcado pelo processo de exotização sistemático, que se constrói principalmente no mercado de trabalho.

Alem disso procurei refletir sobre a especificidade desse processo de exotização dentro do contexto mais abrangente da imigração brasileira. Vimos que o contexto onde se desenrola a imigração brasileira é fundamental para a construção dos processos identitários, determinando processos diferentes de exotização. Estes processos variam entre a necessidade de reconhecimento da especificidade do brasileiro em contextos onde esta não é reconhecida de antemão, como em cidades americanas e em Londres, até o encaixe às abundantes visões pré-existentes sobre o Brasil, como no caso da Argentina e Portugal. O caso do Japão, por outro lado, indica uma exotização tensa, em um ambiente de extrema resistência à diferença. Em cada um destes contextos os processos de exotização são diferenciados, embora lidem com o mesmo “material cultu-

ral”, no caso a ideologia da “brasilidade”. A análise mais detalhada do caso da imigração brasileira no Porto, Portugal e sua comparação mais rápida com outros contextos migratórios indica que os processos são diferenciados, apesar de algumas semelhanças estruturais. A necessidade de análises mais comparativas a partir de etnografias densas é um caminho produtivo para o entendimento desses processos de exotização.

Voltando às questões iniciais, após verificar rapidamente outros contextos nacionais, podemos elaborar melhor algumas respostas. A primeira é que a própria existência da exotização em todos os contextos da emigração brasileira deve ser questionada: vimos que ela não é relevante nos EUA, ou mesmo no Japão. Assim, a atenção à historicidade específica de cada circunstância de imigração justifica-se, pois pode desnudar o quão relevante é esse processo. Em segundo lugar, podemos ver que existe uma diferença crucial entre processos de exotização e reconhecimento prévio da diferença: em contextos onde o Brasil tem sua especificidade simbólica, vemos que os mecanismos de exotização são mais radicais, aproveitando-se das imagens pré-existentes. Nos lugares onde o Brasil não tem uma singularidade, o problema é menos o de reforçar a especificidade do que o de criá-la. Por fim, em terceiro lugar, podemos ver que mesmo quando as conjunturas de imigração se desenvolvem em países “cheios” de imagens sobre o Brasil, como Argentina e Portugal, os processos de exotização são diferenciados e essa distinção deve ser encontrada na história de representação e na ação dos Estados nacionais em organizar o campo das alteridades.

Neste último caso, a situação da emigração para o Japão é significativa: o que interessa lá não é a imagem do Brasil, mas a proximidade cultural que se supõe terem os imigrantes em relação aos japoneses. Nesse ambiente, a ênfase na separação é um problema e a exotização não se mostra muito relevante para o consumo japonês.

Imagino que seria possível uma reflexão sobre a inversão racial que narrei anteriormente (Machado, 2004b)²⁷, como a real fonte da necessidade da exotização entre brasileiros em vários contextos. Ou seja, as imagens correntes sobre o Brasil onde ele é conhecido facilitam a inversão racial para os brasileiros pobres, em geral negros e mulatos, que exacerbam ao máximo essa submissão aos estereótipos como forma de sobrevivência. Assim, a imigração proporcionaria uma liberdade em relação ao sistema racial brasileiro, promovendo novas formas de classificação onde esta população se sente menos discriminada. Talvez essa seja uma hipótese a ser verificada com cuidado: qual o papel subversivo e, ao mesmo tempo, essencializador, que a ideologia da mestiçagem pode ter fora do sistema racial brasileiro, onde ela tem como outro lado da moeda o branqueamento? Este papel subversivo é o que chamei da inversão de ordens raciais entre os brasileiros, legitimada pelas imagens que circulam nos Estados para onde imigraram.

Notas

- ¹ Professor do Depto. de Ciências Sociais da UFSCar, Coordenador do PPGCSO/UFSCar e pesquisador do CEMI/Unicamp. Tem publicado artigos em vários periódicos, como *Mana*, *Revista de Antropologia*, *Dados*, *Lusotopie*, entre outros. Organizou em 2006 o livro *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*, pela editora da UFSCar. E-mail: igor@power.ufscar.br
- ² Para facilitar a fluência do texto, em alguns momentos me refiro aos “brasileiros nos EUA”, sendo que trato dos dados de etnografias nos três lugares mencionados. O mesmo acontece com os brasileiros nos outros destinos. Assim, as referências aos “brasileiros em Portugal”, “Japão”, “Argentina” e “EUA” devem ser sempre matizadas e consideradas em relação apenas às monografias citadas e aos contextos a que elas se referem.
- ³ Ver F. Machado (1997) e Baganha & Gois (1998/1999).

- ⁴ Sobre os dados a respeito da imigração em Portugal, Baganha e Gois afirmam que “... sabemos extremamente pouco sobre os imigrantes em Portugal, porque a única fonte disponível com consistência interna apresenta sérias limitações, dado que o número de características dos imigrantes tratadas e divulgadas pelo MAI-SEF é muito restrito e a sua divulgação sistemática com alguma profundidade só se inicia em 1990” (Baganha & Gois, 1998/1999, p. 262). Portanto, continuam os autores: “O que sabemos refere-se sobretudo ao fluxo legal, pelo que é conveniente salvaguardar a hipótese de as características conhecidas serem uma pobre e, muito provavelmente errônea representação do fluxo migratório global. Quer os estudos sobre a componente ilegal do fluxo migratório português noutros períodos históricos (Baganha, 1990), quer a informação disponível sobre as partidas ilegais para a Europa depois da II Guerra mundial, mostram que o fluxo clandestino é substancialmente diferente do fluxo ilegal” (*ibid.*, p. 250). Novas informações apresentadas num relatório produzido pela Casa do Brasil de Lisboa (2004) indicam que o perfil do brasileiro em Portugal é de classe média baixa e classe baixa. Segundo os dados, 17,3% têm primeiro grau incompleto, 13,5% primeiro grau completo, 9% segundo grau incompleto e 45% segundo grau completo. 7,5% têm terceiro grau incompleto e apenas 7,3% têm terceiro grau completo. Estudos posteriores vieram a comprovar tal perspectiva. Ver Peixoto & Figueiredo (2006) para uma análise do perfil do imigrante brasileiro em Portugal, que confirma essa perspectiva. Os brasileiros no Porto, em 2000, se enquadram neste quadro da “2ª vaga” da imigração brasileira em Portugal. A distribuição entre homens e mulheres era favorável aos homens entre o grupo que estudei (impressão moldada pela experiência, uma vez que o trabalho foi essencialmente qualitativo e não fiz *surveys*), e a maioria deles era composta de “negros e mulatos”, segundo a minha percepção do gradiente de tons de pele.
- ⁵ A “nova” lei de imigração de 2001 permitiu a legalização de um grande número de imigrantes que se encontravam na ilegalidade. Isso se deu por meio de uma nova figura jurídica, a “autorização de permanência”. Essa autorização de permanência (AP) concede o direito de ficar em Portugal apenas por um tempo máximo de cinco anos, com renovações sucessivas a cada ano. Para que a AP seja concedida a cada pedido, é necessária a apresentação de um contrato de trabalho. A AP é diferente da autorização de residência (AR), que permite ao imigrante morar por tempo indeterminado em Portugal, desde que ela seja renovada de tempos em tem-

pos (sem a exigência de contratos de trabalho). A expressão “nova lei” vem entre aspas porque alterações têm sido feitas desde 2001, tornando a “nova lei” de 2001 já defasada.

- ⁶ Segundo o relatório da Casa do Brasil de Lisboa (2004): “As ocupações em profissões operárias passaram de 21,5% no Brasil para 32% em Portugal, trabalho doméstico/limpeza de 3,3% no Brasil para 5,5% em Portugal, trabalhadores do comércio e restauração passaram de 25,3% no Brasil para 42,6% em Portugal.” (item 6.3.1, 2º§). Ou seja, há o predomínio das profissões de atendimento ao público.
- ⁷ Sobre a produção dos discursos colonialistas, ver, entre outros, McClintock (1995; 1997), Stoler (1997) e Young (1995).
- ⁸ Uma longa discussão sobre a produção dessas imagens na história da relação Brasil e Portugal é apresentada em Machado (2003). Para uma discussão sobre a atualização dessas representações em Portugal ver, por exemplo, Cunha (2003), que trata das novelas brasileiras em Portugal.
- ⁹ Neste artigo trabalho com etnografias realizadas por diferentes autores e que tratam de distintos processos de construção identitária entre brasileiros emigrados em vários países. É importante destacar que cada um desses países convive com diversos processos de construção identitária entre os brasileiros. Trabalho aqui, portanto, com apenas alguns desses processos, que não esgotam as possibilidades de “ser brasileiro” no exterior. Para uma análise dessas diferentes produções identitárias em Portugal, ver Machado (2006).
- ¹⁰ Importante destacar aqui que a construção civil e os serviços domésticos não eram comuns entre brasileiros no Porto no ano de 2000. A ocupação laboral desses postos de trabalho passou a ser mais intensa nos anos seguintes, como demonstra o trabalho de Malheiros (2007).
- ¹¹ Na tese de doutorado (Machado, 2003) demonstro que não é apenas o controle do mercado de trabalho que proporciona mais prestígio e poder, mas que esta é uma das dimensões mais relevantes.
- ¹² Como Hall (1996), acredito que as identidades são processos em construção, nunca imobilizadas e sempre sujeitas aos jogos de poder da vida cotidiana.
- ¹³ Sobre imigrantes em lugares específicos de mediação como “intermediários culturais” ver Feldman-Bianco (1995; 1996), forma que adoto neste artigo.
- ¹⁴ Informações mais atuais sobre a imigração brasileira em Portugal se encontram reunidas em Malheiros (2007) e Machado (2006).

- ¹⁵ De 1994 para cá a intensidade da imigração brasileira em Londres aumentou consideravelmente, dando espaço até para a construção de um mercado da alegria mais próximo daquele que encontramos no Porto. Ver o trabalho de Franguella (2008). Sobre os processos de exotização, a autora afirma: “embora a exotização e a sexualização façam parte das imagens que circulam pela metrópole britânica, elas não totalizam nem localizam as representações feitas nem a respeito das brasileiras nem pelas mesmas, o que implica em utilizar estrategicamente os estereótipos, ora reafirmando, ora reelaborando outras características auto-associadas” (Frangella, 2008, p. 2).
- ¹⁶ Cerca de 30% da imigração brasileira dos cerca de 33.500 brasileiros em 1991. Metade dos brasileiros são trabalhadores rurais em Misiones (Sprandel, 2002).
- ¹⁷ Essa noção de exotismo como o “lado bom do estereótipo” é defendida por Frigério. É importante frisar que não concordo com essa perspectiva, uma vez que demonstro como a exotização (no caso, o tirar proveito dos estereótipos) resulta numa subordinação simbólica.
- ¹⁸ O artigo de Frigério não tem como objetivo apresentar uma análise sobre essa imagem pré-existente, o que seria muito útil para as comparações.
- ¹⁹ Só isso nos levaria a pensar se a exotização é fruto de uma vontade de ser diferente em relação aos demais, já que num contexto onde a diferença é reconhecida de antemão, essa vontade seria desnecessária.
- ²⁰ A relação que o autor propõe entre sexualidade e exotismo/estigma ilustra esta incompatibilidade: as mulheres brasileiras são vistas na Argentina como prostitutas, como no Porto, o que seria o lado ruim do exotismo, portanto um estigma: “Neste sentido, observa-se que o mesmo estereótipo que faz das brasileiras singularmente atrativas, as rotula de ‘fáceis’, ‘liberais’.” (Frigério, 2002, p. 25). Já os homens serem objeto sexual das mulheres argentinas é um lado bom do exotismo: “A relativa facilidade de relacionamento que parecem ter os homens brasileiros com as mulheres argentinas é outra forma de demonstrar a valorização da etnicidade e a ausência de estigmatização, o que diferencia os brasileiros de outros imigrantes limítrofes.” (*ibid.*, p. 26). O mesmo fenômeno, a erotização, pode ser estigma ou exotismo.
- ²¹ O terceiro circuito é o das festas particulares e eventos esporádicos de exotismo. Na análise, sua população se mistura à do circuito dos bares.

- ²² Quero destacar que a amplitude aqui se refere ao leque de opções de trabalhos, e não ao número de postos de trabalho. Afirmo, portanto, que em Portugal há mais opção de trabalhos para brasileiros por conta das representações mais densas, e por conta do tipo específico de representação. Por exemplo, há também muitas representações sobre os imigrantes africanos das ex-colônias portuguesas, mas elas em geral restringem as opções de trabalho desses imigrantes.
- ²³ As *go-go girls* são dançarinas que fazem *strip tease*, não são profissionais do sexo, embora muitas se utilizem desse recurso com os contatos feitos nos bares. Além de dançar, elas entretêm os clientes enquanto não dançam.
- ²⁴ Deve-se ressaltar que a bibliografia mais recente sobre os brasileiros nos EUA indicam já algumas representações positivas da mulher brasileira como boa mãe, carinhosas e afetuosas. Conferir Fleischer (2002) e DeBiaggi (2002).
- ²⁵ Trabalhos mais recentes destacam outras formas de construção identitária, como o trabalho de Capuano (2002) sobre brasileiros em Miami que desejam ser vistos como hispânicos. Para um apanhado sobre esses novos processos, ver Martes & Fleischer (2003).
- ²⁶ Para reflexões mais recentes sobre os brasileiros no Japão, ver Sasaki (2008) e Tsuda (2003).
- ²⁷ A definição da inversão racial é a que segue: “Nesse contexto [o da imigração brasileira em Portugal], um brasileiro, apesar de branco, pode ser discriminado no encontro de duas ordens raciais em Portugal. Chocam-se a ordem portuguesa marcada pela Lusofonia, que é abertamente hierárquica, onde o Brasil é mestiço e tem um lugar intermediário e ordem racial brasileira, da qual os brasileiros compartilham e que valoriza a mestiçagem na medida em que serve ao “branqueamento”, ou seja, flexibiliza as rígidas marcações raciais, mas tende sempre a valorizar o pólo branco desta ordem. A diferença das duas ordens, embora legitimadas pela mesma teoria (produzida por Gilberto Freyre), resulta no fato de que os brasileiros brancos são vistos como mestiços, sofrendo no cotidiano com os brasileiros não-brancos um rebaixamento de *status*. O contrário acontece com os brasileiros não-brancos, pois têm um *status* maior que no Brasil, e disso se aproveitam para legitimar sua posição nas disputas entre os brasileiros. Essa é uma das principais características do processo de construção de identidades de brasileiros no Porto, atravessadas pelas imagens que existem em Portugal e a forma portuguesa de pensar a hierarquia racial : a questão do branqueamento não existe em Portugal e,

uma vez mestiço, sempre mestiço. No Brasil, a mestiçagem é o outro lado de uma ideologia racial do branqueamento. O confronto entre duas ordens raciais diferenciadas é o motor da maior parte de disputas dos brasileiros entre si e entre eles e os portugueses. Ou seja, se no Brasil a ideologia da mestiçagem é uma estratégia ambígua que flexibiliza as classificações raciais e disfarça o profundo racismo, em Portugal não há ambigüidade nenhuma: a ordem racial pode ser vista como mestiça para as populações das ex-colônias, mas dentro da metrópole ou se é branco ou não. Na ordem portuguesa o brasileiro é o mestiço, portanto, abaixo do branco português e acima dos negros e africanos. O problema é que os imigrantes brasileiros brancos não se enxergam nessa ordem e não se alinham na suposta democracia racial brasileira com os mestiços e negros da própria nacionalidade. Mas os mestiços e negros brasileiros têm a possibilidade de serem "iguais" aos brancos, afastando-se dos negros africanos – os mais discriminados. Ao serem incorporados na categoria "mestiços" em Portugal, os brasileiros negros têm, por exemplo, melhores condições que os africanos (representados como negros)." (Machado, 2004b, p. 134).

Bibliografia

- BAGANHA, M. I. & GOIS, P.
1998/1999 "Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, 52/53: 229-280.
- CAPUANO, Adriana
2002 *Brasileiros em Miami*. Tese (Doutorado), Campinas, Departamento de Ciências Sociais/Unicamp.
- CASA DO BRASIL DE LISBOA
2004 *A '2ª vaga' de imigração brasileira para Portugal (1998-2003). Estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal*. http://www.casado brasil delisboa.rcts.pt/arq-artigos/pesquisa_brasileiros.doc (acessado em 27/04/2004).

- CUNHA, I. F.
2003 "A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal", *Cadernos Pagú*, Campinas, vol. 21: 39-73, nov.
- D'ALMEIDA, André Corrêa
2002 *Estudo do impacto da imigração em Portugal nas contas do Estado. Versão para discussão*, www.acime.gov.pt (acessado em 13/01/2003).
- DeBIAGGI, S.
2002 *Changing Gender Roles: Brazilian Immigrant Families in the U.S.* New York, LFB Scholarly Publishing.
- FELDMAN-BIANCO, Bela
1995 "A (re)construção da nação portuguesa e a transnacionalização de famílias", *Cadernos CERU*, São Paulo, vol. 6: 89-104.
1996 "A Saudade Portuguesa na América: Artefatos Visuais, Histórias Orais e a Tradução de Culturas", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, Portugal, v. 45: 113-126.
- FLEISCHER, Soraya.
2002 *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*, São Paulo, Annablume.
- FRANGELLA, Simone
2008 "Mapeando gênero nos deslocamentos transnacionais: brasileiros em Londres", Paper apresentado na 26ª Reunião da ABA, Goiânia.
- FRIGÉRIO, Alejandro
2002 "A alegria é somente brasileira. A exotização dos migrantes brasileiros em Buenos Aires", in FRIGÉRIO, A. & RIBEIRO, G. L., *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*, Petrópolis, Vozes, pp. 15-40.
- FRIGÉRIO, Alejandro & DOMINGUEZ, Eugenia
2002 "Entre Brasilidade e Afro-Brasilidade: trabalhadores culturais em Buenos Aires", in FRIGÉRIO, A. & RIBEIRO G. L., *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*, Petrópolis, Vozes, pp. 41-70.

- HALL, Stuart
1996 "Identidade cultural na diáspora", *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 24: 68-75.
- HASENBALG, C. & FRIGERIO, A.
1999 *Imigrantes brasileiros na Argentina: um perfil sociodemográfico*, Rio de Janeiro, IUPERJ.
- KAWAMURA, Lili Katsuco
1999 *Para onde vão os brasileiros no Japão: estratégias de formação cultural*, Tese (Livre-Docência), Campinas, Faculdade de Educação/Unicamp.
- MACHADO, Fernando Luís
1997 "Contornos e especificidades da imigração em Portugal", *Sociologia – Problemas e Práticas*, 24: 9-44.
- MACHADO, Igor José de Renó
2002 "Brazilian immigration and the reconstruction of racial hierarchies of the Portuguese Empire", in FREDERIKSEN, Bodil; SORENSEN Ninna (orgs.), *Beyond home and exile: making sense of lives on the move*, Roskilde, Univ. of Roskilde.
2003 *Cárcere público: processos de exotização entre os imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Campinas, IFCH/Unicamp.
2004a "Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação", *Revista de Antropologia*, vol. 47(1): 207-233.
2004b "Imigrantes brasileiros no Porto. Aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas", *Lusotopie*, vol. 1: 121-140.
- MACHADO, Igor José de Renó (org.)
2006 *Um mar de identidades: imigração brasileira em Portugal*, São Carlos, Edufscar.
- MALHEIROS, Jorge (org.)
2007 *Imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI I. P.
- MARGOLIS, Maxine
1994 *Little Brazil – imigrantes brasileiros em Nova York*, Campinas, Papirus.

- MARTES, Ana Cristina Braga
1999 *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*, São Paulo, Paz e Terra.
- MARTES, Ana Cristina Braga & FLEISCHER, Soraya Resende
2003 *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*, São Paulo, Paz e Terra.
- McCLINTOCK, Anne et al. (orgs.)
1997 *Dangerous liaisons: gender, nation and postcolonial perspectives*, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- McCLINTOCK, Anne
1995 *Imperial Leather*, London, Routledge.
- PEIXOTO, João & FIGUEIREDO, Alexandra
2006 “Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal”, in MACHADO, I. J. R. (org.), *Um mar de identidades: imigração brasileira em Portugal*, São Carlos, Edufscar.
- SAID, Edward.
1990 *Orientalismo*, São Paulo, Companhia das Letras.
- SALES, Teresa
1999 *Brasileiros longe de casa*, São Paulo, Cortez.
- SASAKI, E. M. I.
2008 “Brasileiros no Japão”. Paper apresentado no Seminário sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior: “Brasileiros no Mundo” Palácio do Itamaraty, nos dias 17 e 18 de julho de 2008.
- SPRANDEL, Márcia Anita
2002 “Aqui não é como na casa da gente...: comparando agricultores brasileiros na Argentina e no Paraguai”, in FRIGÉRIO, A. & RIBEIRO, G. L., *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*, Petrópolis, Vozes, pp. 141-165.

STOLER, Ann Laura

1997 "Making empire respectable: the politics of race and sexual morality in twentieth-century", in McCLINTOCK, Anne et al. (orgs.), *Dangerous liaisons: gender, nation and postcolonial perspective*, Minneapolis, University of Minnesota Press.

TORRESAN, Ângela M.

1994 *Quem parte quem fica: uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres*, Tese (Doutorado), Rio de Janeiro, PPGAS/MN.

TSUDA, Takeyuki

2003 *Strangers in the Ethnic Homeland. Japanese Brazilian Return Migration in Transnational Perspective*, Columbia University Press.

YOUNG, Robert

1995 *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*, London, Routledge.

ABSTRACT: This article proposes a comparative analysis among the processes of identity construction of Brazilians who live in foreign countries as immigrants, focusing "exotization processes". We compare the exotization process among Brazilian migrants in the city of Oporto, Portugal with similar processes in others four destination countries of the Brazilian immigrants: England, Argentina, U.S.A. and Japan. Finally, I discuss some implications of the distinctions and similarities between these processes

KEY-WORDS: brazilian immigration, identity, exotization, stereotypes.

Recebido em agosto de 2008. Aceito em dezembro de 2008.